



Vol. 33, nº 2 (2026)

DA TRADIÇÃO AO RIZOMA: CONTINUIDADES E RUPTURAS ENTRE AS REVISTAS LITERÁRIAS *VÔTE!* E *PIXÉ* NA CENA LITERÁRIA CONTEMPORÂNEA

FROM TRADITION TO RHIZOME: CONTINUITIES AND RUPTURES BETWEEN THE LITERARY MAGAZINES *VÔTE!* AND *PIXÉ* IN THE CONTEMPORARY LITERARY SCEN

Simoni Rodrigues dos Santos¹

Recebimento do texto: 20/02/2026

Data de aceite: 10/03/2026

Resumo: Este artigo analisa as revistas *Vôte!* (1991-2017) e *Pixé* (2019-2023) como marcos da renovação da literatura mato-grossense contemporânea. O objetivo é identificar continuidades e rupturas em seus projetos editoriais, gráficos e estéticos, evidenciando sua contribuição para a reconfiguração da literatura regional. A pesquisa, de abordagem qualitativa, utiliza análise comparativa de editoriais, ensaios e poemas, fundamentada em Mahon, Botelho, Didi-Huberman e na noção de rizoma de Deleuze e Guattari. Os resultados demonstram que a *Vôte!* consolidou uma poética satírica vinculada à Geração Coxipó, enquanto a *Pixé* ampliou o campo literário ao incorporar múltiplas vozes e linguagens. Conclui-se que ambas as revistas desempenharam papel decisivo na constituição de uma literatura mato-grossense mais plural, descentralizada e esteticamente inovadora.

Palavras-chave: Estética verbo-visual. Literatura mato-grossense. *Revista Pixé*. *Revista Vôte!*. Tradição e ruptura.

Abstract: This article examines the literary magazines *Vôte!* (1991 -2017) and *Pixé* (2019-2023) as milestones in the renewal of contemporary literature from Mato Grosso, Brazil. It aims to identify continuities and ruptures in their editorial, graphic, and aesthetic projects, highlighting their contribution to the reconfiguration of regional literature. Adopting a qualitative approach, the study employs a comparative analysis of editorials, essays, and poems, drawing on the works of Mahon, Botelho, Didi-Huberman, and the concept of the rhizome proposed by Deleuze and Guattari. The findings indicate that *Vôte!* consolidated a satirical poetics associated with the Coxipó Generation, whereas *Pixé* expanded the literary field by incorporating multiple voices and artistic languages. The study concludes that both magazines played a decisive role in shaping a more plural, decentralized, and aesthetically innovative literary tradition in Mato Grosso.

Keywords: Verbo-visual Aesthetics. Mato Grosso Literature. *Pixé Magazine*. *Vôte! Magazine*. Tradition and Rupture.

1 Introdução

A literatura brasileira produzida em Mato Grosso, historicamente marcada por tensões entre centro e margem, tradição e inovação, tem nas revistas literárias um espaço privilegiado de resistência, criação e formação de leitores. No contexto contemporâneo, as publicações *Vôte!* (1991-2017) e *Pixé* (2019-2023) assumem papéis importantes na

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGEL), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Tangará da Serra-MT. E-mail: simoni.rodrigues@unemat.br



construção de uma cena literária plural e descentralizada, ao mesmo tempo que tensionam os limites do cânone local ao ampliarem os horizontes estéticos da escrita produzida no estado.

Enquanto *Vôte!* consolidou uma poética satírica e urbana, vinculada à chamada Geração Coxipó; *Pixé* emerge como projeto verbo-voco-visual² insurgente, atravessado por vozes femininas, negras, indígenas e periféricas. Ambas operam como dispositivos de resistência e de renovação da literatura brasileira, revelando continuidades e rupturas que apontam para o deslocamento de uma estética da representação para uma estética da enunciação. Assim, este trabalho tem por objetivo analisar comparativamente as revistas *Vôte!* e *Pixé*, observando aspectos gráficos, editoriais e estéticos que configuram seus lugares na cena literária contemporânea, à luz de autores como Mahon (2020), Botelho (2002), Didi-Huberman (2017) e Deleuze e Guattari (1995), dentre outros críticos e teóricos que subsidiam as análises das referidas revistas.

2 Do grito ao mosaico: continuidades estéticas entre *Vôte!* e *Pixé*

O surgimento da revista *Vôte!* nos anos 1990, marcou um ponto de inflexão na trajetória da literatura brasileira nessas veredas, ao romper com o aparato academicista mantido pela Academia Mato-Grossense de Letras e dar visibilidade a uma nova tribo cultural em torno da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Lançado em outubro de 1992, o periódico despontou como um gesto coletivo e combativo, que representou um grito de autonomia estética e política, bem como uma performance impressa que corporificou a irreverência da chamada Geração Coxipó (Mahon, 2020).

O movimento gestado no baixo Coxipó surgiu no final dos anos 1980 e se consolidou na década de 90 como uma manifestação heterogênea, mas atravessada por convergências estéticas e temáticas que apontam para a constituição de uma nova sensibilidade literária em Mato Grosso. Seu marco simbólico é o lançamento da revista *Vôte!* em 1992, ano que coincide com a morte de Silva Freire e com a atuação dos grupos Muxirum

² O termo verbo-voco-visual foi formulado por Augusto de Campos em 1975, para definir uma linguagem poética que une a palavra (verbo), o som (voco) e a imagem (visual) em uma mesma estrutura expressiva, característica da poesia concreta brasileira.



Cuiabano e Gambiarra, ambos profundamente engajados em refletir a cuiabanidade³ diante das transformações sociais e urbanas provocadas pelo avanço migratório.

Diferentemente de outras gerações literárias constituídas em torno de associações formais ou de manifestações organizadas, a Geração Coxipó não chegou a publicar um manifesto tradicional de cunho literário. Como exceção, destacou-se o texto “Apelidar como quem roxa praga” (Geração Coxipó, 1986, *apud* Mahon, 2021, p. 158-159), que expressa uma visão crítica e afirmativa da identidade cultural mato-grossense. No entanto, o que singularizou essa geração foi a produção dispersa, manifestada em movimentos mínimos no espaço social cuiabano, o que não despertou a atenção da Academia Mato-Grossense de Letras na época. Produções artesanais, em folhetos e apresentações discretas, marcaram o percurso desses novos escritores. Ainda assim, a convergência de temas e estilos, bem como a permanência de seus nomes em coletâneas, revistas e editoras locais evidenciam uma atuação articulada, embora não institucionalizada.

Os primeiros indícios desse movimento foram tecidos nos corredores da UFMT, especialmente nos projetos visuais e editoriais que contaram com o apoio de Wladimir Dias-Pino. A produção de livretos, panfletos, “toalhas poéticas” e outras publicações alternativas fez da UFMT o berço informal de um movimento que ganharia corpo com os primeiros núcleos organizados de circulação literária. Mesmo que os autores não frequentassem os mesmos espaços, a publicação em revistas como *Vôte!*, *Estação Leitura* e *Fagulha* criava uma identidade comum, calcada na oralidade, na linguagem coloquial e na crítica às estruturas institucionalizadas da cultura.

Dentre as personalidades que atuaram nesse projeto informal de geração literária, destaca-se a figura de Wander Antunes. Como editor, ele reuniu autores com perfis diversos, de Ivens Cuiabano Scaff a Eduardo Ferreira, de Lucinda Persona a Ricardo Guilherme Dicke, organizando um “*casting*” que deu forma e visibilidade a essa nova voz coletiva. Wander, ao lado de Ivens, lançou a revista *Vôte!* no Salão dos Tachos da UFMT, articulando literatura, artes visuais e jornalismo com um projeto editorial que se colocou como alternativa à retórica tradicionalista da Academia Mato-Grossense de Letras (Mahon, 2020).

³ Segundo Lenine de Campos Póvoas (2002), cuiabanidade é o sentimento de pertencimento e de identidade cultural que expressa o modo de ser, falar e viver do povo de Cuiabá, refletindo seus costumes, sua memória coletiva e suas manifestações artísticas.



Nesse ínterim, a revista *Vôte!* passa a representar um marco de institucionalização da Geração Coxipó. Embora mantivesse um viés autorreferente, reproduzindo, de certo modo, a tradição modernista de Aquino e Mesquita, a publicação reconfigura essa identidade a partir de novas questões urbanas, sociais e estéticas. A literatura que emerge é profundamente enraizada no contexto local, mas aberta ao hibridismo, ao experimentalismo e à crítica social.

Em termos de estruturação, o movimento passa por três fases: a da produção de periódicos (com destaque para *Vôte!*), a das publicações coletivas por editoras fictícias (como a *Tempo Presente*), e, por fim, a dos lançamentos individuais sob editoras locais consolidadas, como Entrelinhas e Carlini & Caniato. Ao contrário do que pensava Mário Cézar Silva Leite, que via dispersão e falta de elo entre os escritores do período, o que se observa é uma unidade subterrânea, que se articula pelas revistas, pelos temas comuns (cuiabanidade, crítica ao progresso, oralidade popular) e pela rejeição ao academicismo hegemônico (Mahon 2020).

Assim, a Geração Coxipó inaugura uma nova fase da literatura mato-grossense, ao fundar um sistema literário alternativo, de base periférica, com apoio institucional frágil, mas com forte adesão afetiva e estética entre seus membros. É dessa conjunção de devoração cultural, rebeldia estética e reinvenção editorial que nasce uma das mais expressivas gerações da literatura mato-grossense contemporânea.

Para nos debruçarmos sobre a emergência da revista *Vôte!*, tomaremos como referência a análise presente na dissertação *Geração Coxipó: o nascimento de uma nova geração literária em Mato Grosso* (2020), de Eduardo Mahon, que propõe uma leitura crítica do papel do periódico no cenário literário mato-grossense, especialmente a partir da atuação da chamada Geração Coxipó. O autor revela que, embora a *Vôte!* tenha se autointitulado “revista literária mato-grossense”, ela nunca extrapolou, de fato, os limites territoriais e simbólicos da capital do estado. Cuiabá constituiu-se como centro e filtro da produção editorial, ignorando de maneira sistemática autores de outras regiões de Mato Grosso. Como observa Mahon (2020, p. 155), “o que se autointitulou ‘revista literária mato-grossense’ não contemplou nenhum escritor residente noutra cidade do Estado”, o que revela um viés excludente e autocentrado. Podemos inferir, com isso, que, embora tivesse como propósito a contra-hegemonia imposta pelos grandes centros, a tribo dos novos ainda cultuava, mesmo sem essa intencionalidade, um certo “cânone das margens”.



Inicialmente marcada por um viés regionalista voltado à cuiabanidade, a *Vôte!* constituiu-se como porta-voz de um grupo específico de autores que se repetiam em diversos espaços e publicações. A revista funcionou como um canal de legitimação interna, que promoveu sistematicamente nomes como Gabriel de Mattos, Wander Antunes, Mário César Silva Leite e Ivens Cuiabano Scaff. A publicidade do periódico, segundo Mahon (2020, p. 155), anunciava “somente obras do próprio grupo”, o que restringiu o panorama literário do Estado e limitou o conceito de literatura produzida em Mato Grosso à produção deste núcleo fechado.

O título de “embaixadora do Estado”, expresso por Gabriel de Mattos na 10ª edição do periódico, é confrontado por Mahon (2010) com agudeza, em um viés reflexivo que permitiu compreender o momento histórico em que aquela geração se situava, bem como suas implicações, de modo que tais considerações pudessem suscitar novas inquietações sobre o tema de maneira densa e ética. Embora a afirmação de Mattos revele o desejo de projeção do Estado, ela contradiz as intenções manifestadas pelo próprio grupo (Mahon, 2020).

Nesse sentido, o autor alerta que a representatividade da publicação é contestável, justamente porque a “via de mão dupla” com a “aldeia globalizada”, também alegada por Mattos, nunca se concretizou de fato. Em vez disso, a revista manteve “[...] a produção autorreferente de um grupo que pretendia se consolidar [...]” (Mahon, 2020, p. 156), o que reitera sua condição de veículo fechado e, paradoxalmente, alheio à própria diversidade que reivindicava representar.

A poética publicada na revista reforça o compromisso com a tradição local e a crítica ao avanço moderno, como demonstrado no poema de Rômulo Carvalho Netto, em que o “tuiuiú parado no pantanal” simboliza a impotência frente à destruição ambiental provocada pela urbanização (Mahon, 2020). A metáfora do “povo sem passado” ressoa como denúncia de um processo histórico que apagou memórias, valores e espaços. Esse tom de lamento nostálgico acompanha a maior parte da produção da revista, o que revela o desconforto da Geração Coxipó frente à modernização e à presença de migrantes, especialmente os sulistas, muitas vezes tratados como “invasores” nos contos e crônicas da publicação.

Temos como exemplo, o conto “Adalgisa na varanda”, de Gabriel de Mattos, satiriza o convívio entre cuiabanos e paranaenses, ressaltando o incômodo dos autores locais



com a presença dos migrantes: “os paranaenses foram passar o réveillon no sul com as famílias, a cidade fica mais calma” (*Vôte!* n. 5, 2001 *apud* Mahon, 2020, p. 157). A representação do migrante como corpo estranho ao espaço urbano é recorrente e se repete em outros textos, como o conto de Eduardo Ferreira, “Diário de Jack”, no qual o cuiabano assalta um taxista migrante em um gesto simbólico de vingança.

Apesar de declarações editoriais que negavam o compromisso com o regionalismo, como afirma Wander Antunes na *Vôte!* n. 5, de 2001, citado por Mahon (2020, p. 159), “toda expressão vale a pena e tem espaço garantido na *Vôte!*”, o conteúdo da revista contradiz essa postura. O cuiabanocentrismo se mantinha como a espinha dorsal da publicação, mesmo nas edições em que se afirmava a abertura para o universal.

A crítica de Mahon (2020) também se estende à pretensa inovação da Geração Coxipó. Ele aponta que, embora o grupo se orgulhasse da informalidade e da espontaneidade criativa, a produção literária do período, em geral, careceu de uma definição que a afirmasse como transculturalística. O autor é incisivo ao afirmar que “a publicação errática foi uma das características que marcou o grupo entre os anos 1980 e 2000” (Mahon, 2020, p. 161), destacando que muitos dos textos foram distribuídos em folhetos, cópias mimeografadas e livretos pouco duráveis, concentrados sobretudo na capital.

Mesmo assim, a Geração Coxipó buscou consolidar um sistema literário⁴ próprio, nos moldes do que propôs Antonio Candido, com escritores, leitores, periódicos e crítica especializada. A inserção de professores da UFMT, como Hilda Magalhães e Mário César Silva Leite, na *Vôte!* marcou uma virada importante: o amadurecimento crítico do grupo e a tentativa de institucionalizar sua produção. Em 2002, a criação da coluna crítica e o anúncio do livro coletivo *Na margem esquerda do rio* selaram essa nova fase, com o grupo deixando de lado os periódicos e investindo em publicações mais duradouras (Mahon, 2021).

Como legado que se afirmaria como manifesto da Geração Coxipó, destaca-se o texto “Apelidar como quem roxa praga”, como um coletivo literário e artístico que despontou a partir de um gesto crítico e insurgente contra os padrões culturais impostos pelo centro-sul brasileiro. O texto construiu uma narrativa poética de identidade, marcada pela valorização

⁴ O sistema literário, segundo Antonio Candido (1959), constitui-se na interação entre autor, obra e público, formando uma rede orgânica de produção e recepção. Para Pierre Bourdieu (1992), esse sistema se estrutura como um campo de disputas simbólicas, no qual os agentes buscam legitimidade e poder cultural. Já Mário César Lugarinho (2009) entende o sistema literário como um espaço político e dinâmico, marcado por tensões entre centro e periferia e pela luta por reconhecimento das vozes marginalizadas.



do território, da linguagem popular e da experiência vivida nos limites da periferia cultural. Em suas linhas, não há apenas um discurso de autoafirmação, mas uma verdadeira convocação para o exercício criativo que descolonize as práticas artísticas e a produção cultural mato-grossenses (Mahon, 2021).

Logo nas primeiras frases, a ideia de “ser” e “querer” é posta como condição do reconhecimento de uma identidade própria: “Só depois de sabermos do que somos, saberemos o que queremos” (Geração Coxipó, 1986 *apud* Mahon, 2021, p. 158-159). Essa afirmação denuncia a urgência de autoconhecimento coletivo frente às imposições simbólicas externas. A geração se opõe ao “convênio central”, recusando-se a ser laboratório de experimentações estéticas de outros centros. Mato Grosso, afirmam, não pode se tornar “campo experimental de provas culturais de ensaio de poder brasileiro” (Mahon, 2021).

O conceito de “Tre-oeste é estético” torna-se o eixo central do texto-manifesto, indicando um pertencimento geográfico, bem como a constituição de um campo sensível, simbólico e criativo ancorado na vida cotidiana do sertão-cerrado. A divisão do Estado, com a separação de Mato Grosso do Sul, é lida não sob o viés econômico, mas como marco histórico que legitima o distanciamento e fortalece a construção de uma identidade própria, a partir do que chamam de “adaptação climática das almas” (Mahon, 2021).

A Geração Coxipó assume o discurso da marginalidade como ponto que principia sua criação estética. Rompe com o ensino excludente, baseado em cartilhas do Sudeste, e propõe uma poética de resistência. É nessa tensão que emerge a “Teoria da Cabaça”, metáfora que traduz o processo artístico como acúmulo, gestação e transbordamento coletivo. Assim, o artista local é convocado a assumir sua linguagem, seu ritmo, sua oralidade, sua estética, e transformar esses elementos em obra viva, vibrante, popular, e não subordinada a um ideal de arte erudita ou eurocentrada.

A crítica institucional é igualmente incisiva: a arte não deve se resumir a aparato decorativo ou funcional, nem a eventos promovidos pelo Estado como vitrine. A “missão ministerial” da arte mato-grossense deve ser superada por uma política de criação real e enraizada. A Geração Coxipó propõe, portanto, a ruptura com as hierarquias impostas entre erudito e popular, entre arte oficial e arte periférica, convocando o artista a ocupar seu lugar no corpo da experiência coletiva.

Nas palavras do próprio manifesto, “A atitude coerente/eterna: a experiência como tônus cultural” (Geração Coxipó, 1986 *apud* Mahon, 2021, p.158-159). A arte deixa de ser



produto para tornar-se prática: vivência, experimentação, devoração. A imagem final do texto, “Devoração! Temos de devorar”, funciona como palavra de ordem que sintetiza o espírito do grupo: uma fome criativa que não se satisfaz com migalhas de representação, mas que deseja, com dentes afiados, mastigar e reinventar os próprios modos de existir e escrever uma antropofagia das margens.

Ao empregar uma linguagem marcada pela oralidade, pelo dialeto regional e por construções poéticas não convencionais, o manifesto performa aquilo que defende. É texto e gesto. Palavra e corpo. Pensamento e luta. A Geração Coxipó, assim, marca sua inscrição na história da literatura mato-grossense como movimento de resistência estética, política e territorial, recusa o apagamento e promove a reinvenção simbólica do “pobre que pinta sua cerca com nova tinta” (Mahon, 2021, p. 158-159).

Esse manifesto, mais do que uma declaração de intenções, é um ato de pertencimento, insubmissão e convocação. E é a partir dele que se pode compreender a literatura e a própria pedagogia poética de uma geração que, entre o rádio quebrado e o quintal cimentado, escolheu reinventar a linguagem com cheiro de pequi, a cor dos ipês e da resistência das árvores retorcidas do sertão-cerrado.

Nesse sentido, a análise assertiva de Mahon (2020) evidencia o paradoxo de *Vôte!*: ao mesmo tempo em que se dizia porta-voz da literatura mato-grossense, mantinha-se alheia à diversidade do estado e reafirmava um “regionalismo bairrista”. Ainda que tenha sido espaço de resistência e afirmação de um grupo de escritores, a revista concentrou-se em promover o diálogo entre gerações, localidades e visões de mundo, sem tensionar as fronteiras culturais do Estado. Como conclui Mahon (2020, p. 160), “avançar demais causa estranhamento, quando não repulsa”, e esse estranhamento talvez explique os limites e o esgotamento do projeto editorial da *Vôte!*.

3 Da tradição ao rizoma: continuidades e rupturas entre *Vôte!* e *Pixé* na cena literária contemporânea

Desde sua primeira edição, *Vôte!* apresenta uma linguagem gráfica irreverente, artesanal, às vezes caótica, assumidamente antiprotocolar, evidenciando o desejo de ruptura com os códigos estéticos hegemônicos da literatura local (Mahon, 2021). Seu próprio nome, uma interjeição tipicamente cuiabana, carregava o tom satírico que perpassaria toda sua produção.



Entre 2010 e 2017, a publicação se consolidou como o principal veículo literário do estado para expressões de humor, crítica social e experimentação estética. Nesse período, *Vôte!* alcança maturidade editorial, abrindo espaço para contos, crônicas, ensaios acadêmicos, quadrinhos e poesia, sempre com um olhar aguçado sobre a urbanização, as tensões sociais e a identidade regional em transformação.

A digitalização da revista também foi um passo relevante para sua afirmação como periódico. Com o lançamento de sua versão *online* no início dos anos 2000, a *Vôte!* ampliou seu alcance e isso dá novos contornos à sua vocação como difusora da literatura regional. Como destacou Míriam Botelho (2002), à época do lançamento da versão digital, “é a única revista a divulgar a literatura mato-grossense”, reforçando seu pioneirismo em um contexto de baixa visibilidade editorial no estado.

Nesse período, a revista intensifica seu humor satírico e sua crítica social. Quadrinhos e crônicas ganham protagonismo, ironizando o cotidiano urbano, a política local e as transformações da paisagem cuiabana. Nesse processo, a revista assume dupla função: de um lado, espaço de divulgação literária e, de outro, arena crítica da cidade. Seus textos aproximam-se do leitor comum, ao mesmo tempo em que questionam discursos consolidados sobre progresso, tradição e pertencimento.

É nesse movimento que a publicação assume também um papel de tensão com o academicismo tradicional. Para Eduardo Mahon (2021), *Vôte!* foi parte da formação de um sistema endógeno de produção literária, caracterizado por uma ruptura com o academicismo e a criação de espaços de intervenção urbana-artística. Assim, a revista se inscreve numa linhagem de resistência que, sem negar a história literária local, reposiciona seus sentidos e desafia suas narrativas consagradas.

Posto isso, a *Vôte!* pode ser compreendida como herdeira e superadora de periódicos anteriores como *Dazibao* e *Estação Leitura*, ampliando a paleta temática da literatura mato-grossense e explorando com liberdade linguagens híbridas. Por meio de contos urbanos, crônicas satíricas e ilustrações irônicas, a revista instaura uma forma de literatura engajada, aberta ao experimentalismo e atenta às contradições sociais da modernidade regional.

Nesse contexto, o periódico moldou um espaço literário contemporâneo que dialoga com a tradição enquanto a interroga. Sua combinação de irreverência, crítica e registro urbano renova a cena literária local, assim como consolida a revista como uma das principais



narrativas culturais de Mato Grosso no início do século XXI. Longe de ser mero repositório de textos, revista *Vôte!* foi, e ainda é, um dispositivo de resistência gráfica e textual, uma manifestação viva da vitalidade e da diversidade da literatura feita às margens do cânone.

Ao traçar um paralelo crítico entre a Geração Coxipó, representada pela revista *Vôte!*, e a Geração Pixé, que surge com o projeto da revista *Pixé* em 2019, evidencia-se um deslocamento significativo nos modos de produção, curadoria e representação da literatura brasileira produzida em Mato Grosso. Se a *Vôte!* configurou-se como um projeto editorial voltado à celebração de uma cuiabanidade nostálgica e autocentrada, a *Pixé Revista Literária* propõe uma cartografia plural, polifônica e insurgente, em que o território se ressignifica a partir da escuta das margens, da interseccionalidade e das vozes historicamente invisibilizadas.

Segundo a análise de Mahon (2020), *Vôte!* projetou a imagem de representar o estado, mas, na prática, manteve-se restrita a um circuito fechado, privilegiando autores ligados à capital e sem realizar a abertura internacional que anunciava. Em continuidade a esse legado a revista *Pixé*, lançada em 2019, adota desde o início uma postura de descentralização, reunindo escritores de diferentes regiões de Mato Grosso ao estabelecer conexões com produções de outros estados e outros países, o que a aproxima da proposta estética principiada pela Geração Coxipó.

A *Vôte!* hesitou entre o apego à tradição e a recusa ao estrangeiro, seja ele o migrante sulista ou o escritor de fora do círculo do Coxipó. Textos como o conto “Adalgisa na varanda” (Mattos, 1998) evidenciam o incômodo com a presença do “forasteiro”, que “não tem por Cuiabá qualquer afeto” (Mahon, 2021, p. 157), e cuja ausência temporária devolve à cidade sua suposta “normalidade”. A literatura publicada na *Pixé*, ao contrário, enuncia a migração, a mestiçagem, o trânsito e o deslocamento como práticas constitutivas da identidade contemporânea. Se na *Vôte!* a memória era um refúgio idealizado, na *Pixé* ela se constitui como palimpsesto crítico, como nos versos de Isaac Ramos ou nos textos de Luciene Carvalho, que refazem a memória das periferias e dos corpos transeuntes que se entrecruzam em um amálgama de fazeres.

Outro ponto de tensão entre os dois projetos diz respeito à performatividade editorial. A *Vôte!* surgia como um periódico impresso vinculado à circulação interna de um grupo específico, com presença marginal da crítica e escassa participação de autoras mulheres. Mesmo na edição final, quando Mário César Silva Leite propõe a criação de uma



coluna crítica e menciona Wladimir Dias-Pino como referência, essa guinada é tardia. A *Pixé*, por sua vez, nasceu em formatos digital e impresso, com design experimental, projetos visuais autorais e uma concepção verbo-voco-visual do texto, retomando, de forma expandida, experiências do Poema/Processo e da poesia concreta. Conforme propõe o editorial da primeira edição da revista (Sartori, 2019 *apud* Pixé, 2019), a imagem deixa de exercer função meramente ilustrativa e passa a integrar a construção do discurso literário, tensiona sentidos e amplia as possibilidades de leitura.

Se a *Vôte!* principia em propor um sistema literário inclusivo e duradouro, apesar dos esforços pontuais de seus colaboradores, a *Pixé* se articula como um espaço de escuta coletiva e de formação de público, conjugando poética, crítica, memória e ação pedagógica. Essa abertura pode ser compreendida à luz da concepção de Gaston Bachelard (1993), para quem a casa constitui um espaço privilegiado da imaginação, capaz de abrigar memórias, afetos e experiências. Nessa perspectiva, a *Pixé* configura-se como uma casa da linguagem, onde múltiplas vozes, gestos e imagens coexistem, e cada texto edifica um cômodo, uma janela ou um porão de sentidos. A *Pixé*, nesse sentido, é mais do que uma revista: é uma casa da linguagem em constante reforma.

Observa-se, ainda, que, enquanto a *Vôte!* encerra seu ciclo com a publicação de *Na margem esquerda do rio* (2002), marcando a transição do grupo do folheto para o livro, a *Pixé* rompe com essa linearidade ao convocar a “terceira margem do rio”, de Rosa, permanecendo múltipla, fragmentada e aberta. Seus números não obedecem a uma lógica hierárquica de temas ou autores: operam por constelação, como propõe Didi-Huberman (2017), iluminando zonas de sombra e tensionando os cânones estabelecidos. Em lugar da representação homogênea do mato-grossense como sujeito nostálgico e autocentrado, a *Pixé* afirma uma estética da diferença, da invenção e da insubordinação criadora que conclama, a partir do sertão-cerrado, as múltiplas vozes do Brasil (Pixé, 2019).

A comparação entre essas duas gerações e seus respectivos veículos editoriais permite compreender uma inflexão na literatura brasileira produzida em Mato Grosso: se anteriormente predominava uma organização centrípeta, orientada pela afirmação de uma identidade regional relativamente coesa, as produções mais recentes passam a constituir um tecido rizomático, marcado pela proliferação de conexões, pela heterogeneidade e pela abertura a múltiplos territórios estéticos e discursivos, na acepção de Deleuze e Guattari (1995). O que antes se limitava ao baixo Coxipó agora se expande em redes afetivas,



políticas e linguísticas que ligam a literatura ao cotidiano, à militância e à experimentação estética transterritoriais. Se a *Vôte!* foi um retrato emoldurado de um tempo e de um grupo, a *Pixé* é um mosaico em permanente mutação, feito de fragmentos, vozes, traços e silêncios.

4 Considerações Finais

As revistas *Vôte!* e *Pixé* configuram dois momentos essenciais da literatura brasileira produzida em Mato Grosso. A primeira, como ponto de virada estética e política, instaurando um espaço de resistência frente à tradição; a segunda, como expansão rizomática desse gesto, promovendo uma reconfiguração das vozes e dos lugares de fala.

Ao confrontar a herança da Geração Coxipó com o projeto verbo-visual da *Pixé*, observa-se um percurso que vai da identidade para a alteridade, do localismo para a transversalidade, do cânone para a multiplicidade. Se *Vôte!* foi a faísca rebelde de um grupo autocentrado, *Pixé* foi o incêndio plural que transformou a literatura de Mato Grosso em casa de muitos, mestiça, híbrida e transterritorial.

Em perspectiva rizomática, compreende-se que a literatura produzida no estado deixou de se organizar em torno de um centro geográfico e simbólico, para se expandir em redes que interligam o poético, o político e o visual. A interrupção da *Pixé* não representa silêncio, mas uma suspensão fecunda, que mantém viva a insurgência de sua linguagem e seu legado como paradigma de uma estética em constante reconstrução.

Referências

- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BOTELHO, M. **Revistas literárias em Mato Grosso: a Vôte! e a cena cultural cuiabana**. Cuiabá: UFMT, 2002.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1995.
- DIDI-HUBERMAN, G. **Diante da imagem**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.
- MAHON, E. **Geração Coxipó: o nascimento de uma nova geração literária em Mato Grosso**. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2020.
- MAHON, E. **A literatura contemporânea em Mato Grosso**. 1. ed. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2021.
- SARTORI, S. (org.). **Pixé Revista Literária**. Cuiabá: Edição Independente, 2019-2023.